**“O que anda na cabeça e bocas” das/dos licenciandos em pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF)?**

Carolina Romanazzi Freire PPGEDU Unirio- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidade (Nudes)

**Resumo Expandido:** O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento cujo objetivo é investigar como os conceitos de gênero e sexualidades atravessam a formação inicial das/os estudantes de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, um campos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) localizada no município de Duque de Caxias. Objetivamos cartografar e entender como tais temas atravessam ou não a formação inicial dessas/desses futuras/os docentes. Metodologicamente optamos pelas cartografias, sobretudo por entendermos que validarmos que é importante, no campo da educação e formação, pesquisar com e não sobre as/os outras/os. A pesquisa também será atravessada pelas conversas como procedimento metodológico, sobretudo por entendermos que estas fazem parte do cotidiano das pessoas e podem ser potencialmente interessantes nas pesquisas em educação. Como a pesquisa ainda está em andamento, não é possível apresentar uma conclusão ou dados fechados, pois ainda estamos analisando.

Palavras Chaves: Formação inicial docente, Gênero, Sexualidades, FEBF

**Introdução**

Nos tempos hodiernos podemos observar que os debates que envolvem gênero e sexualidade, tão necessários à preservação dos direitos humanos, têm cada vez força em diversos contextos sociais. Somos todas/os atravessadas/os por essas questões em múltiplas instâncias da vida. Ao se debruçar sobre esses temas é importante que tenhamos em mente que as desigualdades produzidas a partir de preconceitos estruturais geram uma notória e violenta gama de problemas a diversas pessoas na sociedade. É oportuno observar que essas desigualdades são re(produzidas) em múltiplos lugares, como, por exemplo, a escola. Guacira Lopes Louro salienta que: “a linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares são, todos, campos de um exercício (desigual) de poder. Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos” (2004a, p.84-85). Nesse sentido, é importante entendermos e discutirmos como esse processo acontece na perspectiva da formação dos sujeitos que compõem a sociedade.

A filósofa Judith Butler (2003) apresenta algumas problematizações decorrentes das associações que se apresentam como verdadeiras e necessárias quando se traça um sistema que lê pessoas dentro de enquadramentos do tipo: sexo-gênero-desejo e prática sexual. Esses enquadramentos marginalizam muitas pessoas que vivem outras práticas e que entendem seus corpos de outras formas. Trata-se de perceber que é necessário problematizar e desconfiar de leituras que enquadram e situam pessoas em lugares ontologicamente dados.

Igualmente importante é salientar que, ao mesmo tempo em que esses debates ganham força, tanto no âmbito acadêmico quanto em outros lugares da sociedade, surgem também grupos que tentam obliterar esses estudos através de *Fake News* que colaboram para instaurar o que Junqueira (2018) nomeia como Pânico Moral, bem como pelo sintagma da “Ideologia de Gênero”. O último se revela como uma notória narrativa falaciosa e deturpada sobre os estudos de gênero e sexualidade.

 No Brasil o pânico moral está historicamente situado por volta dos anos 2000 onde estabeleceram políticas de enfrentamento do preconceito, da orientação sexual e da identidade de gênero. No mesmo período houve um aumento na força política dos movimentos sociais que eram organizados por feministas e LGBT. (Cézar e Duarte, 2017. p.146).

Faz parte dos grupos que tenta eliminar os debates que envolvem as questões de gênero e sexualidade o Movimento Escola Sem Partido (MESP), esse movimento além de apostarem fortemente no silenciamento dos temas supracitados, elegem como inimigas/os sociais professoras/os. No caso do MESP podemos observar novas questões como a ideia que existe uma tentativa e uma ditadura comunista em curso no país. A escola, como um espaço institucional privilegiado para debater essas questões, é rapidamente um alvo e consequentemente isso recai sobre as/os docentes. Nesse sentido, acreditamos que é fulcral que estes temas, gênero e sexualidade, sejam abordados na formação inicial docente.

Atravessadas/os por essas questões propomos que se investigue o modo como esses conceitos têm ou não lugar na formação inicial docente. Para tanto trazemos algumas indagações: esses temas se fazem presentes nos cursos de licenciatura em pedagogia? Se sim, em que momento? O que pensam essas/esses futuros professores sobre? Elas/eles se sentem amparadas/os teoricamente para levar essas discussões para a sala de aula?

Objetivamos com essa pesquisa investigar como esses temas atravessam essas/esses licenciandas/os em pedagogia e de que modo elas/eles se sentem ou não confortáveis em falar sobre gênero e sexualidade. O que elas/eles têm a dizer? Pretendemos também cartografar as narrativas das/os estudantes de licenciatura em Pedagogia acerca dos significados de gênero e sexualidade em seu processo formativo enquanto docentes e discutir sobre a violência de gênero, machismo, misoginia, LTBTQIA(fobias) no momento anterior a entrada dessas/desses licenciandas/os na escola, sobretudo porque no interior das escolas as questões se revelam latentes. A necessidade de ter clareza quanto ao significado conceitual é indispensável para “entender as desigualdades históricas entre homens e mulheres, além de contribuírem para diferentes formas de discriminação e violência. (Amaro, 2017, p. 154).

Acreditamos que essa pesquisa seja importante para entender por qual/quais vieses esses debates são apresentados. Biológicos? Envolvem as relações de Poder? São situados histórica, social e filosoficamente? Que leituras são feitas sobre o corpo dos sujeitos e como essas reverberam no modo como docentes compreendem os temas relacionados a gênero e sexualidades? Trata-se de algo importante para que partindo da formação inicial de professoras/es possamos construir uma cultura escolar comprometida com a diversidade e diferença onde possamos, inclusive problematizar a reprodução de preconceitos que podemos re(produzir).

No que concerne ao “lugar” que esta pesquisa se situa apontamos para a perspectiva pós-estruturalista nas pesquisas em educação. Entendemos que ao problematizar as narrativas hegemônicas até então lidas com valor de verdade e questionar os processos de produção do conhecimento, colaboramos para epistemologias múltiplas. Igualmente importante é entender e desestabilizar tudo aquilo que for historicamente construído e afirmado como inerente as pessoas.

Metodologicamente temos inicialmente nos amparado em: Ferraço e Alves (2018), Virgínia Kastrup (2009), Suely Rolnik (2014), Meyer e Paraíso (2014) e Carmem Sanches (2018) que colaboram não só a entender conceitualmente o que são cartografias e as conversas nas pesquisas em educação. Optamos por cartografias, pois admitimos outras formas de habitar, ser e estar nos espaços. A pesquisa cartográfica se desvela significativa, pois se propõe percorrer caminhos que podem ser tortuosos e podem nos fazer traçar formas de enxergar as diversas possibilidades de pensar como estar com a/o outra/o.

Virgínia Kastrup (2009)

É esse movimento de acompanhar os processos sem a pretensão de verdades absolutas e respostas prontas que nos interessa.o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (p.57).

Cartografamos, pois somos cortadas/os por linhas. Nas palavras de Deleuze e Guattari: “somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem``. (1996, p. 76).

As conversas Carmen Sanches (2018) entram como o procedimento metodológico pela forma como se encaixam em nossas percepções acerca do significado de pesquisar. Conversar se revela interessante, pois é um caminho onde pensamos com a/o outra/o. Conversamos porque temos interesses de pesquisa que podem ser ampliados a partir desse encontro com outras pessoas “enredar os sujeitos, levando-os, dependendo das redes de conversas tecidas, a mudar de ideias” (Ferraço; Alves, 2018, p.45). A mudança de ideias faz parte das conversas, pois nela ouvimos muitas vozes.

A conversa é algo do nosso cotidiano, faz parte da nossa vida. Conversar é parte da vida cotidiana de todos/as nós. Conversamos cotidianamente e de múltiplas maneira: conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas, provocativas, emotivas, alegres, tristes. Conversamos enquanto estudamos, enquanto *aprendemosensimanos*. Por que não enquanto pesquisamos? (Sanches, 2018, p.25)

As conversas têm um importante lugar em nossa pesquisa, sobretudo pela possibilidade de estar abertas/os ao ouvir outras pessoas para além do que desejamos saber. Conversando somos atravessadas por falas múltiplas que podem também agregar inúmeras questões a nossa pesquisa.

Acerca dos resultados ainda não é possível apresentar, pois a pesquisa está em fase de construção e as conversas realizadas até o momento, bem como dados de formulários não foram finalizados.

**Referências**

AMARO, I. **A docência no armário: o silenciamento das relações de gênero nos planos de educação.** **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 5 maio 2017.

Disponível em: http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6998/4162. Acesso em: 01/05/2023

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CÉSAR, M. R. de A.; DUARTE, A. de M. **Governamento e pânico moral: corpo,gênero e diversidade sexual em tempos sombrios.** Educar em Revista, n. 66,  
p. 141–155, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/0104-4060.54713](https://www.google.com/url?q=https://doi.org/10.1590/0104-4060.54713&sa=D&source=docs&ust=1717010494363577&usg=AOvVaw39H8HU4bJ9p15QHW9OCtUf).

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero.** Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018 .

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 maio 2024

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente,** Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. 11. ed, Petrópolis: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.